

FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO: OS SILÊNCIOS EM “WHISTLER, BRITISH COLUMBIA”, DE HENRIQUE KOMATSU

FORMATION AND IDENTIFICATION: THE SILENCES IN “WHISTLER, BRITISH COLUMBIA”, BY HENRIQUE KOMATSU

Fernanda Mara Riera Carmona*

Altamir Botoso**

RESUMO: Este artigo analisa o silêncio presente no conto “Whistler, British Columbia”, que faz parte de *Ototo* (2020), livro escrito pelo autor brasileiro Henrique Komatsu. A análise é realizada entendendo o silêncio enquanto produtor de sentidos, dialogando com as contribuições de autores como Orlandi (1992), Yamakawa (2017), Le Breton (2009), entre outros, que exploram a multiplicidade de sentidos no ato de *estar* em silêncio. Também são utilizados outros autores que estudam a sua construção e a sua presença na linguagem, no intuito de analisar o conto, compreendendo o silêncio como mais do que a simples ausência de palavras. Além disso, discutimos como ele, na referida narrativa, implica transformações interpessoais na figura do narrador da obra, especialmente na sua relação com o pai, cuja presença é marcada por manifestações silenciosas.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Literatura e silêncio; Henrique Komatsu.

ABSTRACT: This article analyzes the silence present in the short story “Whistler, British Columbia,” which is part of *Ototo* (2020), a book written by the Brazilian author Henrique Komatsu. The analysis is conducted by understanding silence as a producer of meaning, engaging with the contributions of authors such as Orlandi

* Mestranda em Letras pelo PPGLETRAS da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Graduada em Letras - Português-Inglês e suas Literaturas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: fernandamara1079@gmail.com

** Doutor em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP. Docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Membro do GT Relações Literárias Interamericanas da ANPOLL, e do grupo de tradução coletiva *Traducere*. Cursa Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em “Estudos de Linguagens” da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS. E-mail: abotoso@uol.com.br

(1992), Yamakawa (2017), Le Breton (2009), among others, who explore the multiplicity of meanings in the act of being silent. Other authors who study its construction and presence in language are also used to analyze the story, understanding silence more than the simple absence of words. Furthermore, we discuss how, in the aforementioned narrative, silence implies interpersonal transformations in the figure of the narrator, especially in his relationship with his father, whose presence is marked by silent manifestations.

KEYWORDS: Short story; Literature and silence; Henrique Komatsu.

INTRODUÇÃO

O silêncio tende a ser erroneamente considerado – e limitado – ao vazio, à ausência de palavras, a um fator negativo. Há, segundo Le Breton (2009), uma necessidade constante do homem moderno de dizer algo, que aparece na superfície da comunicação. Por isso, a ausência de palavras costuma ser interpretada com desconforto e inquietude, como uma *não-presença*. No entanto, o silêncio constitui-se para além de tal perspectiva limitante e hostil.

De acordo com Orlandi (1992), o silêncio estabelece um modo de significação, uma manifestação que marca presença tal como o uso de palavras. Diferentemente do processo falar/dizer, o silêncio não é observável ou sólido, nem portador de unidade. Ao falar, o indivíduo confere forma ao sentido para transmiti-lo em um discurso, pois “a linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente” (Orlandi, 1992, p. 27). Isso elucida o caráter múltiplo do silêncio, que carrega consigo inúmeras possibilidades de sentidos. Da mesma forma, sua manifestação entre o signo verbal é significativa: há silêncio entre as falas, espaços introspectivos em que se pensa o sentido, tal como no início e final da fala. Referindo-se ao discurso, Tofalini afirma que ele “abarca outros componentes [além do signo verbal] que concorrem para a construção de sentido, tais como: memória, contexto, ideologia e, especialmente, silêncio. E o discurso visa sempre a significar algo para alguém” (2020, p. 49). Assim, o silêncio faz parte intrínseca da linguagem, tanto em seu interior quanto além dela, atravessando as palavras. Ele cria um espaço para a construção de significados, ao mesmo tempo em que significa por si próprio.

A forma com que o silêncio se expressa em produções literárias é diversa e é partindo do pressuposto de sua importância que este artigo visa investigá-lo no conto “Whistler, British Columbia”, de Henrique Komatsu. O autor brasileiro publica, em 2019, seu livro *Ototo*, um compilado de contos, finalista do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria “Contos”. Segundo Komatsu, sua obra foca nos inúmeros silêncios que fizeram parte de sua vida familiar: “Meu último livro de contos, *Ototo*, foi uma tentativa de retratar diversas formas de silêncio. Os silêncios do meu pai” (Komatsu, 2021).

Em “Whistler, British Columbia”, essa tentativa ganha maior destaque. Ressalta-se também o uso do termo “silêncios”, destacando um entendimento do silêncio enquanto múltiplo, dialogando com a afirmação de Le Breton (2009, p. 3): “há palavras e palavras, silêncios e silêncios”.¹ O livro é composto por 12 contos, nos quais há vários tipos de silêncio: aquele que existe entre membros de uma família, nas palavras, nas lacunas da memória, no desconhecido, na violência. Enfim, essas formas breves (Piglia, 2009) tratam dessas múltiplas manifestações de quietude e nosso objetivo é explorar as potencialidades do silêncio no conto selecionado para estudo neste artigo.

“Whistler, British Columbia” é o relato do protagonista que, durante toda a sua existência, vivenciou uma relação complexa com o pai, devido ao silêncio dele. Seu pai, um imigrante japonês, nunca lhe contou detalhes de sua vida ou família, contribuindo para a construção de uma infância permeada pela estranheza, silenciamento e mistério. Em determinado momento, o narrador é convidado a conhecer o tio de seu pai, no Canadá, e o encontro, juntamente durante uma viagem secundária à montanha Whistle com a figura paterna, resulta em diferentes sentimentos no narrador, marcando sua relação com o pai, suas origens e o silêncio.

Dessa forma, entendemos que a investigação da questão do silêncio em “Whistler, British Columbia” é pertinente, pois trata-se de um assunto ainda pouco investigado na literatura,² além do caráter inédito da produção a ser explorada. Sabendo, então, com base na fábula do conto e a afirmação de Komatsu acerca de *Ototo*, sobre a presença do silêncio na obra enquanto tema central, resta entender como ele se configura na narrativa e como provoca transformações no narrador.

O SILÊNCIO NA NARRATIVA

Orlandi (1992) compreende o silêncio como produtor de sentidos, sendo, dessa forma, um silêncio fundante, ou seja, um silêncio que significa por si mesmo. Assim, o silêncio não é algo que remete ao dito e também não depende das palavras faladas para significar. “O silêncio é a matéria significante por excelência, um *continuum* significante” (Orlandi, 1992, p. 29). Então, o silêncio se mantém como tal: silêncio. Estar em silêncio é significar, produzir e transmitir sentidos diversos, ato que não deve ser delimitado somente à linguagem verbal.

O silêncio também carrega a possibilidade do múltiplo, criando um espaço em que o sujeito pode moldar seu significar. Dessa maneira, “para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando” (Orlandi, 1992, p. 69). Logo, as palavras possuem silêncio. Há silêncio antes de falar, quando

¹ Todas as traduções efetuadas neste artigo são de reponsabilidade dos autores. No original: “hay palabras y palabras, silencios y silencios”.

² Nesse sentido, Yamakawa (2017, p. 18) assinala a relevância dos estudos sobre o silêncio na literatura e “a carência de pesquisas nessa área”.

pensamos no que será dito, em qual sentido transmitiremos; silêncio entre as palavras, para dar pausa, introspecção ou pensar, e silêncio ao final, por inúmeros motivos.

Em “Whistler, British Columbia”, o narrador relata ter vivido com a presença silenciosa e misteriosa do pai, e em boa parte de sua vida interpretou esse silêncio como uma manifestação de frieza que lhe causava muitas indagações. Sabendo pouco da vida da figura paterna, sua família ou história, o narrador confere uma comparação ao silêncio do pai como “ventos gélidos” (Komatsu, 2019, p. 85), sempre em contato com seu rosto e esfriando seu corpo. Os silêncios do pai, variados e sempre em movimento, marcam a vida do narrador, que passa por diferentes transformações de percepção acerca desse mesmo silêncio durante os anos, expressos em situações distintas.

Importa destacar, antes de dar continuidade à presente análise, que, no intuito de facilitar a compreensão do exposto e evitar repetições, utilizaremos “Filho” e “Pai” para se referir às personagens do narrador e seu pai, que em nenhum momento apresentam nome.

Fonseca e Almeida (2012) consideram o silêncio como linguagem, uma vez que diferentes significações são expressas ao estar em silêncio. No conto de Komatsu, a linguagem silenciosa de Pai é destacada pelas lembranças do narrador. A comparação da figura de Pai a uma montanha alta e gélida ecoa a percepção do narrador sobre ele, mais especificamente em sua infância, como um traço bastante marcado em suas memórias. Considerando os múltiplos simbolismos associados às montanhas, Chevalier e Gheerbrant (2001) indicam haver o símbolo de grandeza e onipresença, algo transcendental e divino, que também pode assumir um aspecto assustador dependendo de cada perspectiva.

Na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próxima do céu, ela participa do simbolismo da transcendência; na medida em que é o centro das hierofanias atmosféricas e de numerosas teofanias, participa do simbolismo da manifestação. Ela é assim o encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana (2001, p. 616).

No conto, a repetição da comparação do Pai a uma montanha é recorrente, evidenciando a forte imponência da figura paterna e o desconforto inicial do Filho.

Quando criança, era difícil ao narrador lidar com a existência quieta de seu pai, tanto pela curiosidade infantil quanto pelo comportamento do seu genitor: “Prostava-me e encolhia-me não tanto por respeito, mas pela intensidade com que o vento cortante da quietude atingia meu corpo” (Komatsu, 2019, p. 85). Verifica-se no trecho transcrito a forma com que o silêncio atinge a criança, que recorre a atitudes defensivas em reação a falta de diálogo com Pai, configurada pelo fato de “prostrar-se” e “encolher-se”.

A convivência durante anos permitiu que, conforme envelhecesse, o Filho mudasse sua interpretação acerca desse silêncio. Já mais velho, ele percebe como o Pai apresentava sempre diferentes *silêncios* de acordo com cada ato, momento ou atividade – ao chegar em casa após

o trabalho, ao comer, ao gesticular, ao pensar etc. A frieza, marca da interpretação infantil do narrador em relação a Pai, é alterada para uma compreensão mais amena, que visualiza o silêncio enquanto plural, diverso:

Aprendi que nem sempre os ventos sopravam com a mesma intensidade ou na mesma direção. O ar gélido às vezes era mais seco, às vezes mais denso, às vezes quase não se movia, às vezes assobiava em minhas orelhas, às vezes forçava-me a procurar abrigo, às vezes... Às vezes... Às vezes... (Komatsu, 2019, p. 86).

A repetição da locução adverbial de tempo elucida uma quantidade indefinida de diferentes silêncios. Mais que frieza, o silêncio do Pai produz significações variadas, podendo gerar ou afastar pensamentos. Segundo Teles, “na ausência do signo verbal outro signo se impõe: o silêncio” (1989, p. 13). No conto, a presença do Pai manifesta-se pelo silêncio, com sua figura sempre presente em diversos momentos na vida do Filho, dispensando o *dizer*. Elucida-se então a presença de inúmeros silêncios, que ocorrem não apenas pela falta de palavras do ser humano; pode-se ficar em silêncio para pensar, para esperar, para pausar, concluir ou, simplesmente, significar. Nesse sentido, Yamakawa afirma que “embora não pareça tão evidente observá-lo por ser inapreensível, a experiência com o silêncio desperta uma consciência sobre os fatos da linguagem” (2017, p. 28). Logo, o silêncio é entendido não enquanto pura ausência, mas como um processo que evoca sentido, transmitindo o não-dizível integrado à linguagem.

Todavia, isso não significa que seja possível atribuir ao silêncio um sentido específico, conferi-lo enquanto unidade – pois, como já mencionado, diferentemente da linguagem verbal que significa por unidades formais e lineares, o silêncio dispara para todas as direções, constituída em seu cerne como algo múltiplo. “O silêncio não é diretamente observável e, no entanto, ele não é vazio [...] nós os sentimos, ele está lá” (Orlandi, 1992 p. 45). Pode-se sentir o silêncio e visualizar seus processos de significação, explicitar o modo como ele significa e sua vastidão, mas decifrá-lo não é uma garantia.

Embora o narrador reconheça a variedade de silêncios do Pai a partir de certa idade e acostume-se com eles, a voz narrativa relata a dificuldade de entendê-los plenamente. Da mesma forma, na compreensão do narrador, a linguagem silenciosa do Pai parece ter preenchido a relação entre ambos com um sentimento de solidão, intensificada pela dificuldade do Filho de se familiarizar com esse silêncio.

Aprendi a conviver com tal frieza incômoda, é verdade, mas ela jamais tornou-se familiar; sempre se manteve como um elemento estranho a mim, um vento do qual ora eu sentia necessidade de me proteger, ora abria o peito para senti-lo arder em minhas narinas e encher meus pulmões, mas que não fazia parte de mim. Vive-se ao pé da montanha, mas ela jamais se torna parte de si (Komatsu, 2019, p. 87).

O silêncio do pai é entendido como “outro” silêncio, reconhecível, mas ainda não visível ou sólido. Um mundo à parte, que perpassa o narrador e ele não compreende, gerando certo desconforto. Dessa forma, o personagem Filho conclui que “O silêncio, insondável, nos permite reagir, mas não nos permite entender” (Komatsu, 2019, p. 88).

Para Orlandi (1992), desconsiderar a historicidade dos processos de construção do sentido auxilia na dificuldade de compreensão do silêncio, uma vez que ele pode ocorrer por inúmeros motivos. Assim sendo, “é preciso aqui lembrar que pensamos a relação indireta entre o produto e sua ‘origem’, sua ‘causa’” (Orlandi, 1992, p. 45). Ou seja, interessa pensar o *porquê* do silêncio, uma vez que o silêncio não é limitado a somente um sentido. A narrativa parece sugerir esse questionamento em alguns momentos, à medida que a estranheza do narrador em relação a seu pai é sublinhada pelo mistério que envolve sua história de vida – afinal, o Pai é um imigrante japonês que não compartilha seu passado com o filho: “Ele trouxe consigo, debaixo de seus pés, o país de origem, com idioma, costumes, e um habitante” (Komatsu, 2019, p. 88). Sua rotina com a presença *dos silêncios* ainda não é suficiente para o narrador desvendar o passado do pai, e a história de sua família ou mesmo seus parentes são desconhecidos.

Interessa ressaltar a ausência de uma questão direta do narrador sobre a possível relação entre a origem e diferenças culturais do Pai com seu silêncio. Esse questionamento persiste como uma sensação velada na narração, evidenciando também o silêncio do próprio narrador, que transmite um não-dito presente nas entrelinhas da exposição de sua inquietação.

Cresci sem conhecer a história de meu pai [...]. Cresci sem saber seus motivos, sobre sua infância, sobre seu crescimento, sobre seus desejos, sobre suas frustrações, sobre seus irmãos ou sobre seus pais [...]. Ele envelheceu com histórias que, por certo, marcaram sua vida, sua fisio-nomia, essa face que hoje me encara, mas que são misteriosas como a geologia de uma montanha (Komatsu, 2019, p. 89).

No trecho transcrito acima, nota-se que o Filho se encontra imerso em uma série de silêncios, de indagações sobre os familiares de seu pai e também a respeito da própria história paterna, tais como a sua infância, adolescência, os seus sentimentos, as suas tristezas e alegrias. Há todo um universo marcado pelo silêncio que envolve o Pai, mantendo-o como um ser misterioso, o qual o narrador não consegue decifrar.

De acordo com Maria Lucia Homem (2011, p. 36), “a própria literatura é estruturalmente presença e ausência, letra e espaço, categorias que forjam as palavras e estas a frase e assim sucessivamente”. Ou seja, na própria escolha de palavras, descartamos outras, sendo o jogo dialético entre presença e ausência essencial na construção do sentido nas relações humanas e também na literatura. Logo, a obra literária é “silenciosa porque é letra, sinal impresso e, como tal, pertence ao âmbito do silêncio” (Tofalini, 2020, p. 79).

O silêncio é o tema preponderante de “Whistler, British Columbia”, constantemente mencionado no relato do narrador acerca de sua experiência com ele. Entretanto, o silêncio também surge na própria narração. O desconforto do narrador, com implicações criadas pela narração e o caráter indagativo acerca da vida do Pai, expressa a própria incapacidade de transmitir todos os seus sentimentos conflituosos acerca do silêncio.

Bosi (1997) tece considerações sobre a configuração da imagem no poema, que acreditamos que possam ser também válidas para a questão do silêncio, uma vez que, tanto no universo da poesia quanto no da narrativa que estamos analisando, há uma exigência de que o leitor capte os seus silêncios, interprete-os e desvende os seus significados. Para Bosi (1997), o “mundo real” é incapturável pela linguagem, devido ao caráter limitado dessa. Logo, o conceito de mimese é inviável, pois o discurso, com seu caráter linear e de unicidade, sempre altera a realidade ao tentar reproduzi-la. Tal realidade é repleta de inúmeros sentidos, é silêncio, que não pode ser representado em sua totalidade – pois a incompletude é característica da linguagem. Falar é transmitir um sentido dentre inúmeros outros, em um ato de formatação que antecede a transmissão dos sentidos. O mesmo ocorre com a escrita, que nem sempre é capaz de representar a totalidade dos sentidos. Nessa perspectiva, o referido crítico pontua que:

A imagem final, a *imagem produzida*, que se tem do poema, a sua forma formada, foi uma conquista do discurso sobre a sua linearidade; essa imagem é figura, mas não partilha das qualidades formais do ícone ou do simulacro: procede de operações mediadoras e temporais (Bosi, 1997, p. 27).

Dessa forma, ainda que o leitor possa visualizar grande parte dos sentimentos do Filho diante do silêncio em sua vida, há sensações do narrador que não podem ser expressas em concretude em seu relato. A fala é incompleta, há sempre algo que escapará das bordas da língua verbal. Sobre isso, Leão afirma que:

O que está na forma demonstra ser insuficiente para alcançar o sentido do silêncio mais profundo e humano. O signo apenas orienta. Joga. Mas o que há entre ele e o sentido é um espaço de indeterminação, de impossibilidade de encaixotamento linguístico. O silêncio é indômito. Ele costura nossas narrativas. Permite a compreensão daquilo para o que não existe palavra (Leão, 2011, p. 12).

Igualmente, ao tratar da estrutura do conto, Piglia (2009) destaca ser característico desse tipo de produção literária a presença de um sentido oculto. Há algo que não encontramos na superfície da narrativa, um detalhe à parte, escondido, que precisa ser desenterrado, desvendado, interpretado. Pode-se conectar esse sentido ao próprio silêncio: na ausência de palavras, os sentidos constroem o que está em falta na elaboração dos vocábulos, nas fissuras da narrativa, sejam elas intencionais ou não. Desse modo, em conformidade com Tofalini

e Yamakawa (2013, p. 9), “na literatura os silêncios são. Os silêncios instauram os sentidos, instauram a linguagem”.

Assim, observa-se outra exposição de silêncio na narrativa, que não persiste somente na figura do Pai, mas também no relato do narrador. Resta identificar se esse silêncio resguarda uma característica intrínseca do Filho ou somente a complexidade de sua angústia, que não pode ser transmitida ou verbalizada concretamente por intermédio das palavras.

A viagem ao Canadá permite ao narrador se aventurar, minimamente, no passado do pai, e conhecer pela primeira vez um parente de sua árvore genealógica, até então desconhecida. Eles encontram o tio no aeroporto. A fisionomia parecida entre o Pai e seu irmão, apesar de esperada, surpreende o narrador, que tem seu primeiro contato com um parente da família de seu pai. Todavia, o que se destaca entre os dois é o silêncio que os permeia. Os personagens se alocam em um hotel, e a presença de seu tio culmina em um diálogo silencioso com o Pai, entrecortado de interrupções e recheado de uma quantidade mínima de palavras.

Da cozinha do apartamento, ao som do chiado da chaleira, via-os trocando silêncios que, de tempos em tempos, eram rompidos por palavras que emergiam tão cuidadosamente quando desapareciam. Eram como duas montanhas antigas soprando ventos gelados que corriam pelos seus vales (Komatsu, 2019, p. 91).

Ambos não recorrem às palavras, pois há, no espaço que se abre entre o silêncio mútuo, sentidos correndo entre os irmãos. Segundo Yamakawa (2017, p. 31), “é pelo silêncio do outro que se intui e que se conhece a magnitude de um evento quando as palavras se mostram insuficientes e insatisfatórias”. O silêncio dos parentes desperta no narrador o conhecimento de uma tradição familiar, uma expressão de sentidos norteadas pela ausência do signo verbal. É um traço que explicita um comportamento tradicional que corre nas veias daquela família.

Para Tofalini (2012 *apud* Tofalini, Yamakawa, 2013, p. 3), “as coisas mais importantes não são ditas com palavras, mas sugeridas através do silêncio”. Cada palavra dita carrega consigo silêncio, aquilo que não foi dito, as omissões propositalis ou impossibilidades de expressão, e esses silêncios são tão importantes quanto as palavras, moldando o sentido do que é comunicado. No conto em análise, isso pode ser constatado na seguinte passagem: “Prestando atenção, percebi que os silêncios diziam tanto quanto as palavras” (Komatsu, 2019, p. 91). O diálogo entre o Pai e seu irmão corrobora na demonstração de uma conexão ainda existente entre os dois. É no silêncio que ambos expressam a imensidão de suas significações, quaisquer que sejam, mas que existem. O narrador percebe isso, ao passo que, para sua própria surpresa, compreende o que está sendo *dito*, ou melhor, *sendo*, afinal, “o silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (Orlandi, 1992, p. 31).

O evento que comentamos acima possibilita ao Filho também conceber o silêncio como parte integrante de seu ser. Ao conseguir compreender a comunicação entre os parentes, ele

entende o silêncio, algo que até então nunca havia conseguido interpretar: “Eles se falavam por meio de suas quietudes e eu, inesperadamente, os entendia” (Komatsu, 2019, p. 91). O silêncio, que lhe era até então tão estranho, torna-se mais familiar, ao passo que parece amenizar o confronto do narrador com seu próprio pai. Para o Filho, essa familiaridade é suficiente para revelar o silêncio como parte de sua própria identidade, afinal, ele resguarda uma tradição longínqua, originária de uma cultura a milhas de distância, que lhe é intrínseca, transmitida pela figura paterna. Dessa maneira, a esse respeito, assim se expressa o narrador personagem:

O silêncio era uma tradição da qual eu não havia me dado conta. Uma tradição tão forte que atravessara hemisférios. Atravessara gerações e ainda se mantinha. Vendo-os, senti que nossos silêncios não eram silêncios de montanhas isoladas. Era a quietude de uma cordilheira, de um espinhaço (Komatsu, 2019, p. 92).

Com isso, o silêncio de seu pai revela-se não um mundo distante, mas uma região que se conecta ao próprio mundo do tio e do narrador. O Filho se vê como parte da cordilheira (“nossos silêncios”), deixando o silêncio de ser uma característica somente do Pai, mas também do Filho e de seu tio. Segundo Le Breton:

Para poder calar-se sem riscos diante do outro, convém ter um conhecimento íntimo dele, para assim se sentir protegido de seu olhar e de seu julgamento. A cumplicidade da amizade ou do amor dispensa a necessidade de conversar sempre, e permite muitos momentos de abandono (2009, p. 30).³

O silêncio pode ser tão significativo quanto a comunicação verbal, dependendo do contexto e do relacionamento entre as pessoas; na família do narrador, ele é parte intrínseca da relação. Essa revelação ocorre em um momento epifânico, quebrando toda a inquietação restante do protagonista com o silêncio, que, enfim, ele consegue compreender: os silêncios do Pai eram algo inerente à sua família e ao seu modo de agir e pode ser visto quase como uma tradição do povo oriental que emprega sempre gestos comedidos, contidos, e que exigem que o interlocutor os interprete, intua o que não é dito, e que fica muito mais sugerido pelas atitudes e pela maneira com que o falante deixa transparecer o que deseja ou o que espera que o outro compreenda. Na sociedade ocidental, nota-se muito receio em relação ao silêncio. Isso decorre, segundo Tofalini, pois os indivíduos “temem o perigo do enfrentamento da solidão, da dor e da angústia, movimentos inerentes ao próprio existir” (2020, p. 45). Ele é visto como um vazio a ser preenchido, diferentemente da cultura japonesa, em que ele é compreendido como um espaço de potencial significação.

³ No original: Para poder callarse sin riesgos ante el otro, conviene tener un conocimiento íntimo de él, para así sentirse a salvo de su mirada y de su juicio. La complicidad de la amistad o del amor dispensa la necesidad de hablar siempre, y permite muchos momentos de abandono.

Historicamente, em sociedades primitivas, o silêncio desempenhava um papel fundamental na caça e na cautela diante de tribos adversárias. Não obstante, é um elemento essencial em cerimônias religiosas, como rituais e práticas meditativas. No budismo, religião de grande influência na cultura japonesa, o silêncio é altamente valorizado, pois é visto como um meio para expandir a percepção e a consciência, uma forma de alcance da transcendência, de entrar em contato consigo mesmo, abrindo espaço para uma compreensão total do mundo. Além do aspecto religioso, o silêncio é também um elemento central da cultura japonesa, manifestando-se na literatura, música, arte e arquitetura.

Acerca do silêncio e sua ligação com a cultura Japonesa, Ashida afirma:

No Japão, o silêncio não é apenas uma pausa pacífica ou um interlúdio silencioso; ele se torna um veículo para uma introspecção mais profunda, um ímpeto para uma consciência mais elevada e um meio para expressar o inexprimível. Seja a quietude em um mercado agitado, o entendimento tácito em uma negociação comercial ou as pausas tranquilas em uma cerimônia tradicional do chá, o silêncio carrega consigo uma profundidade que fala à própria alma da cultura japonesa (2023).⁴

Portanto, o silêncio não apenas marca momentos de contemplação, respeito e consideração, mas também se consolida como um elemento essencial nas interações sociais da cultura japonesa. Esse aspecto está profundamente enraizado na família de Filho, e compreender o silêncio dentro da linhagem do protagonista fortalece a percepção da relação entre Pai e Filho, moldada por um processo em que a ausência de palavras e a permanência do silêncio estabelecem os sentidos e a mútua expressão de afeto. Os dois personagens não estão isolados ou divididos, mas interligados: “Não podia negar que eu mesmo me tornara um homem de silêncios. Eu herdara uma tradição que somente agora, passadas três décadas, começava a compreender” (Komatsu, 2019, p. 92).

A tradição do povo japonês, conforme assinalamos anteriormente, é profundamente marcada e arraigada no silêncio. Assim sendo, o Filho acaba, finalmente, entendendo que isso também estava nele, que ele também era um ser de silêncios, assim como seu Pai e os seus familiares.

Após o encontro com o tio, o Filho viaja com Pai até a montanha Whistler, para ter a experiência de esquiar pela primeira vez, algo que seu pai gostava de fazer quando mais novo. A imagem de uma montanha, que o perseguiu e o atormentou por tanto tempo, em uma associação à figura paterna com seus ventos gélidos e constantes, é suavizada conforme o narrador esquia pelo seu cume:

⁴ No original: In Japan, silence isn't just a peaceful pause or a quiet interlude; it becomes a vessel for deeper introspection, an impetus for heightened awareness, and a medium for expressing the inexpressible. Whether it's the quietude in a bustling marketplace, the unspoken understanding in a business negotiation, or the tranquil pauses in a traditional tea ceremony, silence carries with it a profundity that speaks to the very soul of Japanese culture.

Pela primeira vez vi em minha vida vi a neve e ela era muito mais bonita e serena do que eu imaginava. Pela primeira vez estive diante de montanhas tão imensas e elas fizeram-me sentir a força da natureza de uma maneira que eu jamais havia experimentado. Pela primeira vez esquiei e, pela primeira vez, senti-me livre no frio (Komatsu, 2019, p. 92).

Ainda que os ruídos do mundo nunca cessem, há espaços em que o silêncio pode se manifestar com maior intensidade. Para Le Breton, é na natureza que o silêncio para estar mais próximo, acentuando a paz emanada pelo ambiente:

Unido à beleza de uma paisagem, o silêncio é um caminho que leva a si mesmo, à reconciliação com o mundo. Um momento de suspensão do tempo em que se abre como um corredor que oferece ao homem a possibilidade de encontrar seu lugar, de alcançar a paz (2009, p. 112).⁵

A montanha Whistler, localizada entre cordilheiras e afastada do espaço urbano, auxilia no encontro do Filho com o silêncio, simbolizando não somente a figura de seu pai, mas também servindo de terreno silencioso. É ali, em um espaço afastado do mundo barulhento das cidades, que o Filho encontra a si mesmo e se reconcilia com o silêncio. A travessia do percurso pela montanha simboliza seu primeiro contato com ele, sua imersão em si mesmo, e também com os traços paternos que o narrador não havia identificado anteriormente.

Perdido na paisagem branca, senti uma paz consoladora; embora tudo fosse desconhecido para mim, tudo me parecia familiar, o frio, o silêncio, a montanha. A presença muda e inquestionável da rocha que se erguia por todos os lados era como a companhia paterna em minha infância (Komatsu, 2019, p. 93).

O Filho não se sente incomodado pelo frio dos ventos, da neve ou da montanha. É preciso estar no silêncio, tocá-lo, para ver o que até então não era possível antes – no caso do narrador, é esse contato que lhe possibilita encontrar-se, em um momento de identificação com as tradições familiares e com o comportamento paterno ao longo de sua vida, e, conseqüentemente, sentir paz.

Ainda sobre a relação com o silêncio, Leão enfatiza a questão da profundidade que o envolve e que o torna tão importante, quando conseguimos compreendê-lo, decifrá-lo:

O silêncio mostra a magnitude de uma profundidade que verdadeiramente não se pode ver ao longe, na segurança do navio. Para tocá-lo, precisamos sair daquilo que nos dá certeza, fundirmo-nos ao que gela,

⁵ No original: Unido a la belleza de un paisaje, el silencio es un camino que lleva a uno mismo, a la reconciliación con el mundo. Momento de suspensión del tiempo en que se abre como un pasadizo que ofrece al hombre la posibilidad de encontrar su lugar, de conseguir la paz.

desfazermo-nos em profundidades, dissolvermo-nos entre céu e formas gélidas que rompem navios de luxo e, ao mesmo tempo, se confundem com o ar, a névoa, o oceano (Leão, 2011, p. 65).

O narrador entra em contato com a magnitude do silêncio, entendendo-se com ele. Ao visualizar a comunicação entre o Pai e o tio, a certeza do silêncio paterno enquanto “outro”, distante e estranho, é rompida. Há a quebra do frio, do silêncio enquanto glacial e agressivo: pois o silêncio comunica, expressa, converte-se em linguagem que pode ser apreendida pelo narrador. É por meio dessa linguagem composta de silêncios que a relação antiga entre seus parentes se estabelece, e por meio da qual seu pai se comunica com ele – com poucas palavras, intercaladas de silêncios que exigiam que o narrador as decifrasse para poder enxergar o Pai de maneira diferente daquela forma como ele o via na infância, como alguém taciturno, amedrontador.

Ao visualizar isso, o narrador torna-se capaz de ver a si mesmo enquanto um homem de silêncios, aventurando-se em um pensamento que não havia tido até então. A viagem à montanha Whistler reforça um sentimento de libertação pelo qual o Filho, provocado pela aceitação do silêncio e seu reconhecimento enquanto integrante de sua identidade, e possibilita a conexão com seu pai e seus parentes.

Yamakawa (2017), estudando o significado de “silêncio” em línguas diferentes, descobre uma forte presença da evocação de paz oriunda do termo. Para muitos povos como os nórdicos, os orientais, os indígenas, o “silêncio” significa paz, tranquilidade, remetendo a algo positivo. Nessa perspectiva, a viagem ao Canadá é decisiva para a transformação do sentido que o narrador, indiretamente, atribui ao silêncio. Ele se desvencilha do entendimento do silêncio que possuía inicialmente, atribuindo-lhe certo ar incômodo, e, ao final, o silêncio o conforta, ao passo que há a compreensão e a aceitação dele enquanto parte de sua própria identidade. Igualmente, o narrador consegue conhecer um pouco mais de seu pai, não somente descobrindo um gosto antigo (esquiar), como também reconhecendo a tradição familiar da linguagem silenciosa.

Por fim, o cenário remete o narrador à sua infância, funcionando como uma metáfora de sua vida, marcada pela figura do Pai (a montanha) e seu deslizamento no silêncio durante os anos, com transformações na percepção do narrador: “Aquele pico, cravado num canto do Canadá, era a metáfora de minha vida” (Komatsu, 2019, p. 93).

A montanha pode ser vista como algo inóspito, desconhecido e amedrontador; quando o narrador reconhece o silêncio como uma característica em si próprio, a montanha é interpretada de outra forma, tal como seu pai, desvendando-os: o Filho reconhece que as atitudes silenciosas de Pai não significavam ausência de afeto, mas uma forma de ser e agir que configuravam um comportamento herdado milenarmente de seus ancestrais. Logo, ele consegue esquiar pela montanha, sentindo prazer nessa atividade e conforto no silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incompletude é característica da linguagem, pois os sentidos não podem ser representados em sua totalidade. Desse modo, o silêncio se presentifica também na linguagem, em um espaço não-linear movimentado por inúmeros sentidos, que podem ser expressos através da palavra. Falar é transmitir um sentido dentre inúmeros outros, é o ato de dar unidade a um dos sentidos, emoldurá-lo para sua transmissão – sem, no entanto, apreender a totalidade dos sentidos do mundo. Por isso, o silêncio está sempre presente, conferindo sentido ao que o signo verbal não é capaz de expressar. O silêncio está na origem, no desdobramento e no final da linguagem.

Neste artigo, tivemos por objetivo compreender como o silêncio é construído no conto “Whistler, British Columbia”, enfatizando seus efeitos sobre o narrador-protagonista. O silêncio é mencionado constantemente pelo narrador, que é designado como Filho dentro da narrativa, e também elemento constituinte de sua relação com o Pai, a figura paterna que, a princípio, durante toda a infância e grande parte da vida do Filho, gerava dificuldade para estabelecer diálogos e uma comunicação dentro das convenções que se verifica entre pais e filhos. Cercado pelo silêncio paterno, o Filho apresenta suas percepções sobre ele e as mudanças que essas percepções sofrem no decorrer dos anos. Esse silêncio, visto de forma incômoda e tão presente, gradualmente passa a ser compreendido por parte do narrador, que o reconhece como algo além do vazio – ele carrega significados diversos, há múltiplos *silêncios*, há coisas que não são ditas, mas podem ser compreendidas.

Assim, mostramos como a relação do protagonista com o silêncio evolui, desde sua interpretação inicial das atitudes paternas, que lhe causavam medo e certa reserva, até a compreensão de que o silêncio faz parte de sua própria identidade, advindo de uma tradição familiar da qual ele também se percebe como parte e que certamente poderá transmitir para gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ASHIDA, Yuu. **In the Quiet: The Japanese Approach to Silence and Well-being**. Medium, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@y.ashida.jpn/in-the-quiet-the-japanese-approach-to-silence-and-well-being-od1834f9e21c>. Acesso em: 6 mar. 2025.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Editora Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

FONSECA, Wanderson Fernandes; ALMEIDA, Miguel Eugenio. O silêncio: possíveis lugares e definições. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 54, v. 48, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/54supl/048.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

HOMEM, Maria Lucia. **No limiar do silêncio e da letra**: traços da autoria em Clarice Lispector. 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-17102011-104726/publico/2011_MariaLuciaHomem.pdf. Acesso em: 26 abr. 2026.

KOMATSU, Henrique. **Escrever literatura é reorganizar os restos para desafiar o vazio que nos separa do que se perdeu**. Entrevista concedida a Ney Anderson. *Angústia Criadora*, 25 maio 2021. Disponível em: <https://www.angustiacriadora.com/henrique-komatsu-escreverliteratura-e-reorganizar-os-restos-para-desafiar-o-vazio-que-nos-separa-do-que-se-perdeu/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

KOMATSU, Henrique. **Ototo**. Rio de Janeiro: Confraria do vento, 2019.

LE BRETON, David. **El silencio**. Argentina: Ediciones Sequitur, 2009.

LEÃO, Camila Vianna. **Silêncio e Sentido**: as tramas do silêncio em A parede no Escuro de Altair Martins. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2048/1/436949.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1992.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. **Retórica do silêncio I**: teoria e prática do texto literário. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. **Silêncios e literatura**: construções de sentido em *Jerusalém*. Maringá: Eduem, 2020.

TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff; YAMAKAWA, Ibrahim Alisson. Silêncios em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago. **IV CONALI – Congresso Nacional de Linguagens em Interação**. 2013. Disponível em: <https://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/177t.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

YAMAKAWA, Ibrahim Alisson. **Aprender a rezar na era da técnica**: as formas do silêncio e os silêncios das formas. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

Recebido para publicação em: 28 fev. 2026.

Aceito para publicação em: 27 abr. 2026.